

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PEDRO CARRARA DE OLIVEIRA

COPARENTALIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA COGNIÇÃO SOCIAL EM

CRIANÇAS PRÉ ESCOLARES

Este trabalho foi apoiado pela FAPESP (Fundação de
Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Processo
#202008594-0)

Débora de Hollanda Souza

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Débora de Hollanda Souza

PEDRO CARRARA DE OLIVEIRA

COPARENTALIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA COGNIÇÃO SOCIAL EM
CRIANÇAS PRÉ ESCOLARES

Trabalho apresentado como requisito para
conclusão no curso de *Graduação em
Psicologia* da Universidade Federal de
São Carlos, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª.
Débora de Hollanda Souza

São Carlos

2022

Resumo

Diversos estudos têm investigado a habilidade de crianças pequenas discriminarem bons e maus informantes em situações novas de aprendizagem, um fenômeno conhecido como confiança ou aprendizagem seletiva. Alguns pesquisadores têm se interessado particularmente nos fatores que controlam a aprendizagem seletiva, mais especificamente, o gênero do informante, a familiaridade com o informante, o histórico de confiabilidade, entre outros. No Brasil, no entanto, o número de pesquisas sobre confiança seletiva é ainda limitado. O presente estudo tem como objetivo contribuir para essa linha de investigação no país, investigando o papel da relação coparental dos pais na confiança seletiva de crianças brasileiras. O projeto original previa a participação de trinta e seis crianças, de 4 a 6 anos de idade, mas em razão de dificuldades para conseguir adesão de participantes para a pesquisa online, até o presente momento, apenas 6 famílias (6 crianças e 12 pais) efetivamente participaram, de um total de 41 que manifestaram interesse. Para avaliar a confiança seletiva, foi utilizado o paradigma clássico envolvendo uma tarefa de nomeação por dois potenciais informantes com históricos de confiabilidade distintos (i.e., um informante sempre diz o nome errado dos objetos e o outro sempre diz o nome correto). Para avaliar coparentalidade, foi utilizada a Escala da Relação Coparental, que foi entregue aos pais via google form. Os resultados indicam que os escores em 3 subescalas da Escala da Relação Coparental- ERC (e.g., apoio coparental/mãe, sabotagem coparental/mãe e suporte coparental/pai) podem estar associados ao desempenho de suas(seus) filhas(os) na tarefa de confiança seletiva. Os resultados também indicam correlações entre os escores das mães e dos pais em 6 subescalas da Escala da relação coparental. Por fim, os resultados sugerem que, apesar da divulgação via redes sociais não ter obtido os resultados esperados, a coleta on-line de dados é uma ferramenta possível para pesquisas experimentais em psicologia, facilitando a participação de pessoas que residem longe das universidades, ou que estão cumprindo isolamento social.

Palavras-chave: cognição social, confiança seletiva, coparentalidade, pré-escolares

Abstract

Several studies have investigated the ability of young children to discriminate between good and bad information in new learning situations *in* a phenomenon known as Selective Trust or Selective Learning. Some studies have been particularly interested in the factors that control selective learning such as the informant's gender, the informant's familiarity, the reliability history, among others. In Brazil, however, the number of surveys on selective trust is still limited. The present study aims to contribute to this line of investigation in the country by investigating the role of parents' coparental relationship in the selective trust of Brazilian children. The original project had provided the participation of thirty-six children from 4 to 6 years old; however, due to difficulties in reaching participants to join the online survey, only 6 families (6 children and 12 parents) participated, out of a total of 41 individuals who had manifested interest). To assess selective trust, the classical paradigm was used, which involved a naming task and two potential informants with distinct reliability histories (i.e., one informant always provides the wrong name of an object and the other always names it correctly). To assess coparenting, the Coparental Relationship Scale was used, which was delivered to parents via google forms. The results indicate that parents' scores on 3 subscales of the Coparental Relationship scale [e.g. coparental support (mother), coparental sabotage (mother) and coparental support (father)] are directly related to the performance of their children in the Selective Trust task. The results also suggest correlations between the scores of mothers and fathers on 6 subscales of the Coparental Relationship Scale. In conclusion, the present study also demonstrates that online data collection is a possible tool for experimental research in psychology, facilitating the participation of people who live far from universities or who are *in* social isolation due to the Covid-19 pandemic, although dissemination via social networks has not achieved the expected results.

Keywords: social cognition, selective trust, coparenting, preschoolers

Sumário

Introdução	5
Método	14
Análise de dados	18
Resultados e Discussão	18
Considerações finais	25
Referências	26
Anexo 1	29
Anexo 2	31
Anexo 3	34
Anexo 4	37

Introdução

Confiança seletiva

Evidências recentes têm demonstrado que crianças pequenas não são tão crédulas quanto se pensa. O ditado popular “é tão fácil quanto tirar doce de criança” evidencia a crença popular do quão fácil é enganá-las, contudo, vários psicólogos do desenvolvimento têm estudado confiança seletiva nas últimas duas décadas, e os resultados parecem contradizer essa crença: mesmo crianças de 3 anos conseguem discriminar entre um bom e um mau informante (cf. Harris, 2014). O conceito mais comumente utilizado para descrever essa habilidade é o de confiança seletiva, ou também, aprendizagem seletiva. Essa é a capacidade de confiar seletivamente em diferentes fontes de informação para construir seus saberes (e.g., Harris & Corriveau, 2011). Nesse texto, os autores discutem as vantagens biológicas da credulidade nas crianças pequenas, utilizando, inclusive, como referência o etólogo R. Dawkins (2006, citado por Harris & Corriveau, 2011). Esse autor argumenta que as crianças podem aprender por experiência própria a não chegar perto de um precipício, ou a não nadar em uma lagoa onde haja crocodilos. Todavia, aquelas que conseguem aprender sobre esses perigos apenas por meio do testemunho de outras pessoas terão uma vantagem seletiva sobre aquelas que precisam experimentar tais perigos.

Mas como as crianças conseguem distinguir entre um bom e um mau informante? Harris, (2012) propõe uma interessante reflexão a respeito desse questionamento. Ele argumenta que, caso a criança esteja inserida em um ambiente cruel e hostil, seria evolutivamente incoerente que ela acreditasse em absolutamente tudo que lhe fosse dito. Portanto, dentro desse contexto, é importante entender como a confiança seletiva funciona nas crianças, e dessa forma, como elas selecionam informantes confiáveis. Esse tipo de seletividade precoce pode nos dar uma pista sobre o caráter evolutivo da aprendizagem pelo testemunho, no entanto, apenas a abordagem evolucionista não é

suficiente para se esgotar o assunto. Também é importante entender os fatores cognitivos e sociais que influenciam o julgamento da criança quando ela deve escolher entre um informante ou outro. Aparentemente, as crianças obtêm do convívio social a base para construir sua capacidade de distinguir a qualidade das informações que estão sendo transmitidas, e conforme seu amadurecimento, essa habilidade vai se sofisticando (Koenig & Sabbagh, 2013)

Os e as psicólogas do desenvolvimento, portanto, procuraram maneiras de avaliar a confiança seletiva por um viés propriamente psicológico. O paradigma de avaliação da confiança seletiva que foi utilizado no presente estudo, proposto por Koenig, Clément e Harris em 2004, inclui algumas tarefas de nomeação. O procedimento consiste em duas fases: a de familiarização, e posteriormente uma fase teste. Durante as tentativas de familiarização, objetos conhecidos são apresentados a dois atores (potenciais informantes) e uma terceira pessoa pede a cada um que diga o nome do objeto. Um informante sempre se mostra mais confiável que o outro. Por exemplo, apresenta-se uma bola aos dois atores; um diz que o objeto é uma bola e o outro diz que o objeto é um sapato. Na fase teste (4 tentativas), os informantes são solicitados a nomear objetos desconhecidos, e para tanto, utilizam palavras inventadas (e.g., “tegu” x “danu”). Finalmente, o participante precisa escolher um dos dois rótulos, ou seja, se ele acha que o nome do objeto desconhecido é o oferecido pelo informante que respondeu às perguntas corretamente na fase anterior ou se é o nome oferecido pelo informante pouco ou nada confiável.

Corriveau e Harris (2009) investigaram um possível efeito do nível de familiaridade da criança com o informante. Para assegurar essa manipulação, os dois atores (informantes) eram professores de duas creches diferentes. Dessa forma, além da precisão da informação provida pelo informante, a criança também estaria sob controle da sua familiaridade com o cuidador de sua creche, ou seja, um informante era um professor conhecido e o outro era um professor desconhecido, de outra creche. Os resultados indicaram que quanto mais nova a criança, mais os

seus julgamentos de confiança eram influenciados pela familiaridade com o professor. As crianças mais velhas, no entanto, respondiam mais sob controle do histórico de acertos e erros dos dois informantes/professores. Apenas quando o nível de acerto dos informantes nas rodadas de familiarização era o mesmo, elas demonstravam uma preferência pelo adulto conhecido.

Há diferenças, entretanto, no que diz respeito aos modelos de informantes preferidos pelas crianças. Esse pode variar de acordo com a história de vida da criança, e também de acordo com os modelos parentais que essa tivera em sua vida (Corriveau, Harris, Meins, et al., 2009). Portanto, é relevante analisar a confiança seletiva a partir da perspectiva dos estudos sobre parentalidade (*parenting*).

Uma das variáveis que têm sido estudadas como podendo influenciar os julgamentos de confiança seletiva das crianças é o apego. Esse é dividido em comportamento de apego, modelos representacionais e o apego propriamente dito. O apego é um vínculo social, que de acordo com Bowlby (1988/1989) é um traço evolutivo que possibilita ao indivíduo conseguir e manter a proximidade em relação a uma figura de apego. Esse modelo de vínculo pode ser acessado através dos comportamentos de apego externalizados pela pessoa. Também de acordo com Bowlby (1979/1997), no relacionamento com a figura de apego, a segurança e o conforto experimentados na sua presença permitem que esse seja usado como uma “base segura”, a partir da qual poderá se explorar o resto do mundo (Bowlby, 1988/1989).

Para descrever melhor como isso ocorre, é necessário observar como a seletividade da criança em relação à escolha de um bom informante pode ser alterada quando existem diferenças nos modelos de apego. Portanto, espera-se que as crianças, quando deparadas com uma situação nova de aprendizado, em que precisam discriminar entre duas fontes de informação, provavelmente escolherão aquela com quem têm um vínculo afetivo mais forte.

Em uma situação ideal, a criança encontra em seus cuidadores uma base segura para explorar o mundo. Já em um cenário oposto, experiências de negligência nos primeiros anos de vida podem ter efeitos devastadores, como foi o caso das crianças institucionalizadas durante o regime de Nicolae Ceaușescu (1974 – 1989), na Romênia. Charles Nelson (2014) coordenou um estudo que visava compreender os impactos no desenvolvimento de crianças que foram institucionalizadas precocemente nessas instituições romenas. Os resultados demonstraram que as crianças institucionalizadas apresentavam atraso no desenvolvimento de linguagem, capacidades cognitivas, e de formação de vínculo, além de dificuldades em tarefas de função executiva, como regulação emocional e atenção. Ele também descreve casos de crianças que foram adotadas após terem completado o segundo ano de vida dentro da instituição por pais que residiam em países desenvolvidos, como por exemplo: Canadá, Estados Unidos e Reino Unido. Essas, por um lado, puderam obter uma família e estabilidade, porém, mesmo assim, os pais relataram severos problemas de comportamento nas crianças, indicando que mesmo fora dos abrigos, a privação de vínculo em estágios iniciais do desenvolvimento causa prejuízos sérios para o desenvolvimento futuro.

O estudo de Zeanah (2005), por sua vez, avaliou o prejuízo na formação do vínculo de apego entre as crianças institucionalizadas e seus cuidadores, em comparação às crianças da comunidade romena que nunca haviam sido institucionalizadas. Os resultados apontam que as crianças institucionalizadas apresentam, em maior número, o transtorno de apego reativo (*Reactive Attachment Disorder- RAD*), tanto o modelo inibido, quanto o desinibido, em comparação com as crianças nunca institucionalizadas. Em relação à organização do apego, os pesquisadores, através do procedimento da situação estranha (Ainsworth, 1969), revelaram que dentro do grupo das crianças institucionalizadas, 22% apresentavam estratégias de apego organizado, enquanto no segundo grupo, 78% delas se comportavam dessa maneira. Esse estudo revela, portanto, que as

condições de criação e de cuidado exercem grande influência sobre a criança, e sobre o desenvolvimento de suas capacidades de socialização.

Seguindo essa linha de raciocínio, ficaria clara a relação entre o desenvolvimento do apego, e o desenvolvimento de capacidades sociocognitivas, sendo uma delas a confiança seletiva. Para descrever melhor essa relação, Harris (2011) descreve um experimento longitudinal (Corriveau, Harris & Meins, 2009) no qual foi medido o modelo de apego das crianças quando essas tinham aproximadamente 15 meses. Em um segundo momento, quando já tinham 4 anos de idade, elas foram avaliadas em uma tarefa de confiança seletiva (Clément, 2010; Harris, 2002, 2012; Koenig, Clément, & Harris, 2004).

Os resultados indicaram que as crianças com apego inseguro-ambivalente e apego seguro buscaram com maior frequência o testemunho de suas mães ao invés daquele de uma pessoa desconhecida. Em contrapartida, as crianças que apresentavam apego de esquiva não demonstraram clara preferência por suas mães, o que sugere uma possível correlação entre as diferenças nos modelos de apego e os escores das crianças em tarefas de confiança seletiva. Contudo, apesar da descrição das diferenças nos resultados do experimento de Harris, Corriveau e Meins, (2009), não fica claro qual seria o aspecto principal envolvido na relação de apego que influencia diretamente a aprendizagem seletiva das crianças.

Como forma de responder a essa pergunta, Meins (2002) propôs um modelo explicativo um pouco mais complexo entre apego e confiança seletiva. Diferentemente de Harris, que buscou investigar a correlação entre estilo de apego e desempenho em uma tarefa de confiança seletiva, Meins sugere um olhar mais aprofundado no tipo de linguagem utilizado pelas mães nas interações com seus filhos. Por exemplo, conversar sobre estados emocionais, vontades, intenções e memórias com a criança auxiliaria não apenas na obtenção de melhores resultados em tarefas que avaliam cognição social, como também no estabelecimento de um apego seguro. Mais especificamente,

Meins encontrou uma correlação entre a utilização apropriada de uma linguagem mentalista na primeira infância (*appropriate maternal Mind-Mindedness*), e uma maior responsividade materna, e, portanto, com o desenvolvimento do apego seguro nas crianças.

Larkin et al. (2021) investigaram se “mind-mindedness” seria um construto relacional, isto é, se ele se refere a um aspecto ou qualidade das relações significativas do indivíduo (i.e., mãe e filho/a) ou se seria um traço individual característico de alguém que pode aparecer em qualquer tipo de situação/interação social, por exemplo, quando é preciso interpretar o comportamento de uma pessoa com base nos estados mentais subjacentes. Essa mesma pesquisa indica que “mind mindedness” além de ser um conceito relacional, é uma qualidade de relações próximas, e a percepção dos estados mentais e emocionais é mais facilmente acessado quando existe um vínculo de ligação próximo entre essas pessoas (i.e. mães e suas crianças). Essas descobertas corroboram as hipóteses de Meins et al.’s (2014). Colocados juntos, os resultados dos dois estudos de Larkin et al. (2021) indicam que “mind mindedness” não é um traço pessoal (qualidade), nem um traço relacional geral do indivíduo, mas sim uma aplicação específica, e intencional, dessa habilidade diante de relações que são importantes para aquela pessoa.

Meins et al. (2014) argumentam, na verdade, que “mind mindedness” é um conceito relacional, fazendo uma comparação entre a habilidade do participante em avaliar os estados mentais de pessoas conhecidas, e posteriormente de pessoas desconhecidas. Dessa forma, no primeiro teste, os pesquisadores avaliaram, através do instrumento UMIIT (Unknown Mother–Infant Interaction Task), a habilidade dos participantes em avaliar estados mentais e emocionais da dupla desconhecida (mãe e criança interagindo em um vídeo). Eram 12 vídeos curtos (45s); em seguida, os participantes teriam que descrever uma pessoa de sua escolha (e.g., um parceiro romântico ou amigo próximo) através de um formulário na internet.

Os pesquisadores então classificaram os atributos descritos pelos participantes em classes [e.g, (a) traços mentais (“mind-minded”), (b) traços físicos, (c) traços comportamentais, (d) referencial próprio (comentários baseados na própria percepção, emoções e pensamentos do participante) e (e) Geral (comentários que não caíssem em nenhuma das categorias anteriores)]. Nesse primeiro experimento, não foi encontrada uma forte relação entre a habilidade dos participantes em atribuir a linguagem mentalista em relação a uma dupla desconhecida e a habilidade de fazer o mesmo com uma pessoa próxima. Os resultados indicaram, na verdade, que as pessoas usaram mais a linguagem mentalista para descrever aqueles que já conheciam, reforçando a hipótese de que “mind mindedness” é um construto relacional.

No segundo estudo, mães foram recrutadas para brincar livremente com seus filhos, como se estivessem em casa, por 10 minutos. Essas sessões de observação foram gravadas e os pesquisadores avaliaram a linguagem materna utilizada. Foram criadas duas classes, sendo essas: a) a linguagem materna corresponde aos estados internos do bebê; e b) a linguagem materna não corresponde aos estados internos do bebê. Em suma, os dados obtidos pelos autores sugerem que o construto “mind-mindedness” apresenta-se como sendo uma característica relacional, isto é, que desenvolve-se dentro das relações mais profundas de um sujeito.

No entanto, independentemente da estrutura relacional do conceito, estudos apontam que os cuidadores que utilizam mais frequentemente essa linguagem mentalista, e que são mais sensíveis aos estados mentais e emocionais da criança, proporcionam maior qualidade de vida para seus filhos (Colonnesi et al., 2019; Hughes et al., 2017, citados por Larkin et. al, 2021). Segundo esses estudos, os filhos de cuidadores que utilizam melhor esse tipo de linguagem apresentam maior saúde mental, possuem uma relação mais saudável com seus cuidadores, apresentam menor evasão escolar, e, também, menos problemas de comportamento na infância.

Coparentalidade

Alguns pesquisadores têm se interessado em estudar aspectos da relação cuidadores-criança que influenciam o desenvolvimento infantil. O conjunto desses aspectos tem sido denominado “coparentalidade”. Van Egeren (2004) descreve a coparentalidade como, quando através de um acordo mútuo, ou pelas normas sociais, duas ou mais pessoas assumem como responsabilidade o bem-estar de uma criança. Tomando, portanto, como ponto de partida não apenas a relação mãe-criança, mas sim a relação trina entre os cuidadores e a criança, é possível elucidar fatores que possam influenciar o desenvolvimento dos estilos de apego, e potencialmente o desenvolvimento das capacidades sociocognitivas.

Outro pesquisador que se propôs a estudar esse conceito foi Mark Feinberg, que além de elaborar uma teoria sobre a coparentalidade, também criou uma intervenção, o programa *Family Foundations*. Esse programa é oferecido para casais que estão no 4º ou 5º mês de gestação e é composto por 8 aulas, sendo essas 5 pré-natais e 3 pós-natais. Nas aulas anteriores ao nascimento, questões a respeito de inteligência emocional, habilidades para a resolução de conflitos, e técnicas para se lidar com dificuldades no relacionamento são listadas e exercitadas, como por exemplo, o exercício de Fala/Escuta. Nesse exercício, um dos parceiros deve falar a respeito de um tópico específico, por exemplo, seus sentimentos, e o outro deve apenas ouvir (e.g. por 1 minuto), proporcionando, não apenas à díade parental, mas também à criança, após seu nascimento, um exemplo de conversação mais eficaz em situações de conflito.

Também é descrito nos manuais de aula do programa uma maneira de organizar os sentimentos, pensamentos e a comunicação para um melhor entendimento entre o casal. Descritos respectivamente nessa ordem, (Sentimentos, Pensamentos, Comunicação), o programa dá ao casal uma noção da importância de se lidar com os sentimentos e com os pensamentos de maneira

apropriada dentro dos relacionamentos afetivos, garantindo segurança e estabilidade para o casal, e futuramente também para a criança.

Em um paralelo entre a teoria de Meins e o conceito de coparentalidade, fica claro o enfoque na comunicação apropriada em ambos os casos: entre a díade e a criança para Feinberg, e entre a criança e seu cuidador, para Meins. Podemos observar também que os princípios buscados no programa de Feinberg com relação à comunicação clara de sentimentos e pensamentos são próximos aos observados por Meins, e descritos como *appropriate mind-mindedness*. Por conseguinte, dada a importância das relações parentais na formação do senso de *self* na criança, e conseqüentemente, no desenvolvimento da cognição social, pretende-se através deste estudo averiguar uma possível relação entre os escores da díade parental no instrumento de avaliação da coparentalidade - Escala da Relação Coparental (ERC) (Feinberg, 2003; ver Anexo 2) e os escores na tarefa de confiança seletiva apresentada pela criança. A hipótese do presente estudo é a de que as crianças cujos pais são eficazes em exercer a coparentalidade discriminam melhor entre um bom e um mau informante, e, portanto, teriam escores maiores em uma tarefa de confiança seletiva.

A relevância da presente proposta reside no fato de que há poucos estudos investigando as possíveis influências da coparentalidade no desenvolvimento sociocognitivo e, mais especificamente, no desenvolvimento da confiança seletiva. Em segundo lugar, essa pesquisa é de interesse para a comunidade científica uma vez que a produção acadêmica sobre esse tema (Confiança seletiva e Coparentalidade) é ainda escassa no Brasil. Souza e Messias (2020) avaliaram 45 artigos sobre confiança seletiva, através de uma revisão sistemática e os resultados indicaram que 60% dos estudos publicados foram produzidos apenas nos EUA; em seguida, na lista dos países com o maior número de estudos na área estão: Canadá, Inglaterra, Alemanha, Cingapura, Noruega, França e China, demonstrando mais uma vez a concentração dessas pesquisas em países desenvolvidos, e a relevância da realização desse estudo em solo brasileiro.

Método

Participantes

Até o momento, foram coletados dados com 12 pais e 6 crianças. A idade média das crianças era de 62 meses ($SD= 7,29$ meses). Dentre as crianças, 4 eram do sexo feminino e 2 do sexo masculino; a idade média dos pais era de 40,4 anos ($SD= 134,64$ meses). e das mães 37,9 anos ($SD= 118,31$ meses). Todas as crianças, e seus cuidadores, foram recrutadas por meio de publicações em redes sociais (e.g, grupos no facebook, perfil do grupo de estudos GPdeSol, no instagram, via secretaria de comunicação social da UFSCar, e através das escolas de ensino infantil do município). A participação no estudo ocorreu apenas mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos pais ou responsáveis e do assentimento por parte das crianças. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos (Ver Anexo 4).

Local e Materiais

Não Presencial: A coleta de dados com a criança foi conduzida via aplicativo de videoconferência (i.e., Google Meet, Zoom ou Skype). Era necessário que a família da criança tenha um computador com webcam e microfone, e conexão de internet banda larga. Os cuidadores responderam à ERC pelo Formulários Google, que foi disponibilizado pelo pesquisador após o recrutamento.

Presencial: Caso a prorrogação da bolsa seja concedida pela FAPESP, será possível realizar também uma coleta presencial. A coleta de dados com as crianças será conduzida em uma sala de aula da instituição de ensino, previamente designada para a realização do procedimento. A sala deverá estar mobiliada com uma mesa e três cadeiras, ser bem iluminada e que possa ser utilizada exclusivamente pelos pesquisadores durante a realização das tarefas. O procedimento requer a

utilização de um notebook. A coleta de dados com os pais será feita sem a presença do pesquisador, na própria residência dos participantes.

Instrumentos

Tarefa de Confiança Seletiva (TCS) - versão presencial. (Ver anexo 3) O pesquisador fornece à criança as seguintes instruções a respeito da tarefa: “Olha, eu vou te mostrar nesse computador um vídeo com três pessoas: uma de camisa branca, uma de camisa vermelha e outra de camisa preta. No vídeo, elas vão dizer algumas coisas e depois eu vou te fazer algumas perguntas sobre o que vamos assistir.” Durante as quatro tentativas da fase de familiarização, a pessoa da camisa preta pergunta aos dois outros atores (i.e., os informantes) se eles sabem o nome de objetos conhecidos (e.g., bola, sapato, livro, banana). Ao final de cada tentativa, uma fotografia dos dois informantes é apresentada na tela do computador, e o pesquisador pergunta para a criança se algum deles disse algo errado. Diante de um erro, ou da ausência de resposta, o experimentador fornece a resposta correta. Por fim, após as quatro tentativas de familiarização, o pesquisador pergunta: “você acha que alguma delas disse algo errado? Quem?” (Fig. 1)



Fig. 1. Estímulos utilizados nas tentativas teste da tarefa de confiança seletiva

Em cada tentativa teste, o pesquisador apresenta um dos quatro objetos à criança na tela do computador e pergunta: “você sabe qual é o nome disso?” Se a criança responde que sabe, e der

um nome para o objeto, o pesquisador diz “acho que não, mas uma das nossas amigas pode nos ajudar!”. Em seguida, uma imagem dos dois informantes aparece na tela e o pesquisador então faz a pergunta para medir a preferência da criança pelo informante: “Para qual dessas duas pessoas você quer pedir ajuda?” Em seguida, independentemente da escolha do participante, o pesquisador informa que ele verá essas duas pessoas dizendo o nome do objeto alvo. A ordem de quem rotula o objeto primeiro também é contrabalanceada. Posteriormente, o pesquisador faz a pergunta de nomeação do objeto: “A pessoa de camisa vermelha disse que isso é um “tegu” e a pessoa de camisa branca disse que isso é um “danu”. Como você acha que isso se chama?”. Por fim, após todas as tentativas-teste, com as fotos dos informantes na tela do computador, duas perguntas de julgamento explícito são feitas aos participantes: 1. “A pessoa que estava usando a camiseta vermelha foi boa ou não foi boa em responder as perguntas?”; 2. “A pessoa que estava usando a camiseta branca foi boa, ou não foi boa em responder as perguntas?”.

TCS Versão remota. Durante a reunião com a criança via plataforma virtual, o pesquisador compartilha a sua tela com os vídeos descritos acima e faz as mesmas perguntas ao longo da apresentação. Era solicitado aos pais que, durante a sessão com a criança, não interagissem com a mesma e não interferissem com o procedimento (e.g., fazer perguntas, dando dicas).

Escala da relação coparental (Carvalho, 2016): A escala da relação coparental mede o índice de ajustamento diádico dos participantes, isto é, o quão alinhados os responsáveis estão no que se trata da divisão de tarefas e do cuidado para com a criança. São 35 itens contendo perguntas como: “meu companheiro demonstra que percebe os sentimentos e necessidades do(a) nosso(a) filho(a)”; “Eu acredito que meu(minha) companheiro(a) é um bom pai(mãe)”; “Meu companheiro e eu temos as mesmas metas para nosso(a) filho(a). As respostas possíveis são apresentadas em uma escala likert que varia de “Não é verdadeiro sobre nós” (0 ponto) até “É muito verdadeiro sobre nós” (6 pontos). Na versão presencial, a escala será entregue aos pais na própria escola dos

filhos. Na coleta não presencial, a escala era encaminhada via Google Forms para os pais/responsáveis.

A Escala da Relação Coparental ainda se encontra em fase de validação, portanto, ainda não há normas para a mesma. Por essa razão, apenas os escores brutos foram utilizados para a análise dos dados.

Procedimentos

Presencial: Caso seja prorrogada a vigência da bolsa, a Escala da Relação Coparental será entregue aos responsáveis, que podem responder no momento que considerarem mais apropriado. Será solicitado que eles retornem a escala preenchida para a professora.

Cada criança será levada individualmente pelo pesquisador para a sala designada para a coleta pelo responsável pela instituição, onde será realizada a tarefa de confiança seletiva.

Não presencial: Após o recrutamento via rede social, os responsáveis responderam a escala da relação coparental via formulários Google. Para a tarefa de confiança seletiva, uma reunião via plataforma de videoconferência online (e.g., Zoom, Google Meet ou Skype) foi agendada com os pais, e esses auxiliaram a criança apenas com os aspectos técnicos no encontro (i.e., ligar câmera, microfone, posição da webcam). Foi solicitado que os responsáveis não interagissem com a mesma durante o procedimento.

As crianças foram distribuídas aleatoriamente em 3 condições experimentais: Correto x Incorreto – nessa condição, um dos atores do vídeo (potencial informante) erra o nome do objeto nas 4 tentativas de familiarização e o outro acerta todas; Correto x Neutro – nessa condição, um dos atores acerta o nome do objeto todas as vezes e o outro fornece uma informação correta, porém sem utilidade para a criança, como por exemplo: “vou olhar mais de perto”; e por fim, a condição Incorreto x Neutro – na qual um dos informantes erra o nome do objeto todas as vezes e o outro fornece informações irrelevantes.

Análise de dados

Inicialmente, uma análise descritiva dos dados (médias, desvio padrão e variação) é apresentada e, na sequência, uma análise da distribuição dos escores (Teste Shapiro-Wilk) para testar a normalidade da amostra. Os escores de coparentalidade (totais e subescalas) e os escores da tarefa de confiança seletiva foram submetidos a análises não paramétricas (e.g., teste de correlação de Spearman). Em seguida, análises não paramétricas (e.g., teste U de Mann-Witney), entre as subescalas de coparentalidade.

Resultados e Discussão

Análises descritivas

Embora um objetivo importante da pesquisa é o de testar possíveis diferenças entre as três condições da tarefa de confiança seletiva (Correto x Incorreto, Correto x Neutro e Incorreto x Neutro), considerando o número pequeno de participantes em cada condição (2 em cada), a variável “condição” não foi incluída nestas análises preliminares. A Tabela 1 apresenta os escores médios e desvios padrão do desempenho das crianças na nomeação dos objetos (variando de 0 a 4 pontos), em relação à pergunta de preferência (i.e., “Para quem você quer pedir ajuda?”; 0 a 4 pontos) e os escore totais.

Tabela 1.

Dados descritivos do desempenho das crianças na tarefa de confiança seletiva (preferência, nomeação, escores totais)

	<i>M (DP)</i>
Preferência	2,0 (2,0)
Nomeação	1,67 (1,69)
Escore Total	3,0 (2,74)

O teste de Shapiro-Wilk revelou que a distribuição dos escores de confiança seletiva não é normal, portanto, as análises estatísticas subsequentes foram não-paramétricas.

A Tabela 2 apresenta os escores médios e desvios padrão de cada subescala da ERC.

Tabela 2.

Médias e desvios padrão dos escores dos cuidadores nas subescalas da ERC.

	Subescalas da ERC						
	1	2	3	4	5	6	7
Média	-1,88 (-	3,6	4,39	3,94	-3,38	1,08	0,78
(DP)	1,00)	(0,59)	(1,08)	(0,71)	(1,23)	(0,84)	(0,77)

Escore de coparentalidade

Uma análise de correlação de Spearman foi realizada entre os escores das subescalas da ERC, e algumas correlações significativas foram encontradas (Tabela 3). Primeiramente, uma correlação negativa foi encontrada entre as subescalas de Suporte coparental (mãe) e Exposição ao conflito (mãe) ($r = -0,812$, $p = 0,05$), ou seja, os escores mais altos de suporte coparental estão

correlacionados a uma menor exposição dos seus filhos aos conflitos domésticos; entre as subescalas de Suporte coparental (mãe) e proximidade coparental (pai) foi encontrada uma correlação positiva ($r = 0,851, p < 0,05$), isto é, o suporte da mãe à parentalidade do pai está correlacionada positivamente à proximidade do casal, quando relatada pelo pai; outra correlação negativa encontrada foi entre as subescalas de Suporte coparental (mãe) e Sabotagem coparental (pai) ($r = -0,841, p < 0,05$), demonstrando que o Suporte da mãe à parentalidade do pai reflete uma menor sensação de sabotagem dentro do relacionamento, no que se refere exclusivamente à criação de uma filha ou de um filho.

A correlação de maior relevância encontrada foi entre a subescala de apoio coparental (mãe) e a de suporte coparental (pai) ($r = 0,986, p < 0,005$). Outra correlação negativa pode ser encontrada entre as subescalas de Concordância coparental (pai) e Sabotagem coparental (mãe) ($r = -0,833, p < 0,05$), evidenciando novamente que se um dos parceiros responde positivamente às subescalas que refletem bons comportamentos dentro de um relacionamento, o parceiro ou a parceira responderão que a sabotagem dentro do casal é menor. Em seguida, partindo da mesma linha de raciocínio, entre as subescalas de Suporte coparental (pai) e Exposição ao conflito (mãe), também foi encontrada uma correlação negativa ($r = -0,833, p < 0,05$). Por fim, outra correlação negativa foi encontrada entre as subescalas de Sabotagem coparental e Proximidade coparental ($r = -0,912, p < 0,05$). Ver tabela 3.

8. Concordância coparental (pai)	<i>ρ</i>	-0,03	0,39	0,49	-0,17	0,38	-0,83*	-0,12	-						
	<i>p</i>	0,96	0,44	0,32	0,74	0,46	0,04	0,83							
9. Proximidade coparental (pai)	<i>ρ</i>	-0,29	0,56	0,85*	0,49	-0,04	-0,13	0,37	0,41	-					
	<i>p</i>	0,57	0,24	0,03	0,32	0,93	0,37	0,47	0,42						
10. Suporte coparental (pai)	<i>ρ</i>	0,43	0,21	0,46	0,99**	0,03	0,37	0,55	-0,26	0,44	-				
	<i>p</i>	0,40	0,69	0,35	0,00	0,96	0,47	0,26	0,62	0,38					
11. Apoio coparental (pai)	<i>ρ</i>	-0,56	0,41	0,01	-0,03	-0,10	0,13	-0,22	-0,56	-0,12	-0,03	-			
	<i>p</i>	0,25	0,42	0,98	0,95	0,84	0,81	0,67	0,25	0,82	0,96				
12. Divisão do trabalho (pai)	<i>ρ</i>	-0,41	0,18	-0,37	-0,71	-0,57	-0,25	-0,87*	-0,06	-0,21	-0,64	0,48	-		
	<i>p</i>	0,42	0,13	0,47	0,12	0,23	0,63	0,02	0,91	0,69	0,17	0,34			
13. Sabotagem coparental (pai)	<i>ρ</i>	0,54	-0,64	-0,84	-0,49	0,00	0,00	-0,41	-0,14	-0,91*	-0,43	-0,26	0,12	-	
	<i>p</i>	0,27	0,17	0,04	0,32	1,00	1,00	0,42	0,79	0,01	0,40	0,61	0,83		
14. Exposição ao conflito (pai)	<i>ρ</i>	-0,17	-0,62	-0,03	0,04	0,12	0,55	0,75	-0,09	0,15	0,00	-0,40	-0,51	-0,12	-
	<i>p</i>	0,74	0,19	0,96	0,93	0,82	0,26	0,09	0,87	0,78	1,00	0,43	0,30	0,83	

Nota. O número total de respondentes da Escala da Relação Coparental foi 12, sendo 6 pais e 6 mães

* Correlações significativas. ** Correlações muito significativas

Uma análise de Mann-Whitney revelou que há uma diferença significativa entre os escores dos pais ($M = 0,42$; $DP = 0,54$) e das mães ($M = -0,42$, $DP = 1,34$) apenas na subescala de *cooperação coparental* ($U = 5,00$, $p < 0,05$), sendo que as mães apresentaram um escore mais baixo que o dos pais, o que sugere que as mães percebem um grau menor de cooperação do que os pais.

TCS e as Subescalas da ERC

Análises de correlação de Spearman revelaram algumas correlações significativas entre os escores das crianças na TCS e os escores de seus respectivos cuidadores na ERC. (ver tabela 4.)

.Tabela 4.

Correlações entre escores das crianças na TCS e escores dos pais nas subescalas da ERC.

		Soma Preferência pelo informante	Soma preferência pelo nome	TCS escore total
Concordância coparental (mãe)	ρ	0,47	-0,09	0,40
	p	0,42	0,87	0,50
Proximidade Coparental (mãe)	ρ	-0,71	0,28	-0,67
	p	0,18	0,59	0,21
Suporte Coparental (mãe)	ρ	-0,16	0,43	-0,10
	p	0,79	0,39	0,87
Apoio Coparental (mãe)	ρ	0,89*	0,51	0,82
	p	0,04	0,30	0,09
Divisão do trabalho (mãe)	ρ	-0,16	-0,58	-0,36
	p	0,79	0,22	0,55
Sabotagem Coparental (mãe)	ρ	0,92*	0,32	0,95*
	p	0,03	0,54	0,01
Exposição ao conflito (mãe)	ρ	0,32	-0,53	0,10
	p	0,60	0,28	0,87
Concordância Coparental (pai)	ρ	-0,63	-0,09	-0,60
	p	0,25	0,87	0,28
Proximidade Coparental (pai)	ρ	-0,08	0,79	0,15
	p	0,90	0,06	0,80
Suporte Coparental (pai)	ρ	0,95*	0,56	0,90*
	p	0,01	0,25	0,04

Apoio Coparental (pai)	ρ	-0,25	0,03	-0,32
	p	0,68	0,95	0,60
Divisão do trabalho (pai)	ρ	-0,63	0,00	-0,50
	p	0,25	1,00	0,39
Sabotagem Coparental (pai)	ρ	0,16	-0,74	0,00
	p	0,80	0,10	1,00
Exposição ao conflito (pai)	ρ	0,63	0,07	0,70
	p	0,25	0,89	0,19

Nota. * Correlações significativas

A partir dos dados apresentados na tabela anterior, pode-se inferir que o desempenho em certas subescalas da escala da relação coparental (apoio coparental, suporte coparental e sabotagem coparental) estão diretamente correlacionadas com os escores obtidos por seus filhos nas tarefas de confiança seletiva. As correlações mais significativas se encontram entre a subescala Suporte Coparental (relatado pelo pai) e o escore de confiança seletiva referente à preferência pelo informante ($r = 0,949$, $p < 0,05$); entre a subescala de apoio coparental (relatada pela mãe) e o escore de preferência pelo informante ($r = 0,892$, $p < 0,05$); entre o escore da subescala de sabotagem coparental (relatada pela mãe) e o escore de preferência pelo informante ($r = 0,917$, $p < 0,05$); entre o escore total na tarefa de confiança seletiva e a subescala de sabotagem coparental (relatada pela mãe) ($r = 0,949$, $p < 0,05$); e, por fim, entre o escore total na tarefa de confiança seletiva e o escore na subescala de suporte coparental (relatada pelo pai) ($r = 0,900$, $p < 0,05$). Em todos os casos, quanto maior o escore na subescala da ERC, melhor é a relação relatada pelos cuidadores, ou seja, se o escore de sabotagem coparental é alto, existe uma baixa sabotagem da parentalidade entre o casal; se o escore de suporte coparental é alto, então existe um elevado suporte à parentalidade entre o casal. Essas informações podem refletir que uma boa relação intrafamiliar, especialmente a relação cuidador-cuidador pode ser um preditor para um melhor desempenho nas tarefas de confiança seletiva, e assim sendo, no desenvolvimento da aprendizagem seletiva.

Considerações Finais

Mais pesquisas sobre as possíveis relações entre coparentalidade e cognição social (i.e. confiança seletiva, função executiva, função simbólica, desenvolvimento moral, etc.) devem ser conduzidas, em especial, considerando o número limitado de estudos já realizados no Brasil e no mundo. Além disso, o modelo de divulgação dos convites deve ser reavaliado, visto que o alcance e o engajamento dos potenciais participantes foi baixo, e não correspondeu às expectativas. A produção do vídeo-convite explicativo, de mais ou menos 1 minuto, apresentou o melhor alcance dentre as estratégias utilizadas. Sugere-se ainda que a divulgação dos convites de pesquisa também seja feita de maneira presencial nas escolas, mesmo que a coleta propriamente dita aconteça de forma remota.

Quanto ao procedimento da tarefa de confiança seletiva, não houve grandes problemas durante a coleta, além da dificuldade de engajamento das crianças. Pode-se imaginar que a formação de vínculo auxiliará a resolver essa questão. A presente pesquisa, portanto, nos mostra que apesar de não ser o modelo ideal, a coleta remota pode ser uma ferramenta a ser utilizada em futuras pesquisas, facilitando, inclusive, estudos que aconteçam em diferentes regiões ou países; em relação à ERC, não houve problemas para a aplicação do instrumento de maneira remota. Além disso, a ferramenta Formulários Google foi de grande ajuda, pois além de gerar os dados, ela montou os escores brutos em uma tabela semelhante ao excel (i.e., planilhas Google), facilitando assim a análise dos dados. O presente estudo também demonstra que a aplicação da ERC no modelo remoto é possível, e facilita, como na tarefa de confiança seletiva, a coleta de dados em diferentes regiões ou países.

A divulgação apenas pelo modelo remoto (facebook, instagram, cadeia de e-mails disparada pela secretaria de comunicação social da UFSCar, contato por e-mail com as CEMEI's e com as escolas particulares do município de São Carlos) se apresentou como um desafio para o

desenvolvimento do presente estudo. Mesmo que os potenciais participantes se inscrevessem no formulário de demonstração de interesse, a mensagem de retorno enviada pelo pesquisador não foi respondida na maioria das vezes. Pode-se inferir que o menor engajamento tem a ver com a forma como os convites foram distribuídos, e com o modelo de contato (e.g., Whatsapp, e-mail e ligação telefônica). Apesar de o pesquisador ter tentando variar as estratégias de divulgação, o resultado obtido não atingiu as expectativas originais da presente pesquisa, uma vez que o número de participantes (6 crianças e 12 pais) ficou bem abaixo do esperado.

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. N. (2015). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Psychology Press.
- Ainsworth, M. D. S. "Individual Differences in Strange-Situational Behaviour of One-Year-Olds." (1969).
- Clément, F. (2010). To trust or not to trust? Children's social epistemology. *Review of philosophy and psychology*, 1(4), 531-549.
- Corriveau, K. H., Harris, P. L., Meins, E., Fernyhough, C., Arnott, B., Elliott, L., ... & De Rosnay, M. (2009). Young children's trust in their mother's claims: Longitudinal links with attachment security in infancy. *Child development*, 80(3), 750-761.
- Corriveau, K., & Harris, P. L. (2009). Choosing your informant: Weighing familiarity and recent accuracy. *Developmental science*, 12(3), 426-437.
- Harris, P. L., & Corriveau, K. H. (2011). Young children's selective trust in informants. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 366(1567), 1179-1187.
- Harris, P. L. (2012). *Trusting what you're told: How children learn from others*. Harvard University Press.
- Koenig, M. A., Clément, F., & Harris, P. L. (2004). Trust in testimony: Children's use of true and false statements. *Psychological Science*, 15(10), 694-698.
- Koenig, M. A., & Sabbagh, M. A. (2013). Selective social learning: New perspectives on learning from others. *Developmental Psychology*, 49(3), 399.
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 205-216.

- Larkin, F., Schacht, R., Oostenbroek, J., Hayward, E., Fernyhough, C., Muñoz Centifanti, L. C., & Meins, E. (2021). Mind-mindedness versus mentalistic interpretations of behavior: Is mind-mindedness a relational construct?. *Infant Mental Health Journal, 42*(2), 176-187.
- Meins, E., Fernyhough, C., Wainwright, R., Das Gupta, M., Fradley, E., & Tuckey, M. (2002). Maternal mind-mindedness and attachment security as predictors of theory of mind understanding. *Child development, 73*(6), 1715-1726.
- Nelson, C. A. (2014). *Romania's abandoned children*. Harvard University Press.
- Souza, D. D. H., & Messias, A. C. (2020). Confiança seletiva em crianças pré-escolares: uma revisão sistemática. *Psicologia em Estudo, 25*.
- Zeanah, C. H., Smyke, A. T., Koga, S. F., Carlson, E., & Bucharest Early Intervention Project Core Group. (2005). Attachment in institutionalized and community children in Romania. *Child development, 76*(5), 1015-1028.

Anexo 1

Olá, eu sou o Pedro e atualmente estou estudando desenvolvimento infantil. Realizo uma pesquisa no momento para investigar se existe alguma relação entre a qualidade da comunicação entre as figuras parentais e os julgamentos que as crianças fazem em situações de aprendizagem nova.

Se você se interessa pelo assunto, tem um filho ou uma filha de 4 a 6 anos de idade, e quer ajudar a comunidade acadêmica, basta acessar o link para formulário.

Neste link você terá acesso à algumas perguntas que nos ajudarão a filtrar os participantes.

Aguardo ansiosamente o contato!

[https://docs.google.com/forms/d/e/](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdCV5Hopb31a2XNMdmt7sWAA6hA3miPSZSmTFJPtrnePwVnwg/viewform)

[1FAIpQLSdCV5Hopb31a2XNMdmt7sWAA6hA3miPSZSmTFJPtrnePwVnwg/viewform](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdCV5Hopb31a2XNMdmt7sWAA6hA3miPSZSmTFJPtrnePwVnwg/viewform)



Figura 1. Convite publicado pelo autor nos grupos de facebook e Whatsapp. Captura de tela feita no site facebook,

https://www.facebook.com/groups/ufscar/permalink/3922428821168902/?comment_id=3983008488444268¬if_id=1622169753388036¬if_t=group_comment&ref=notif

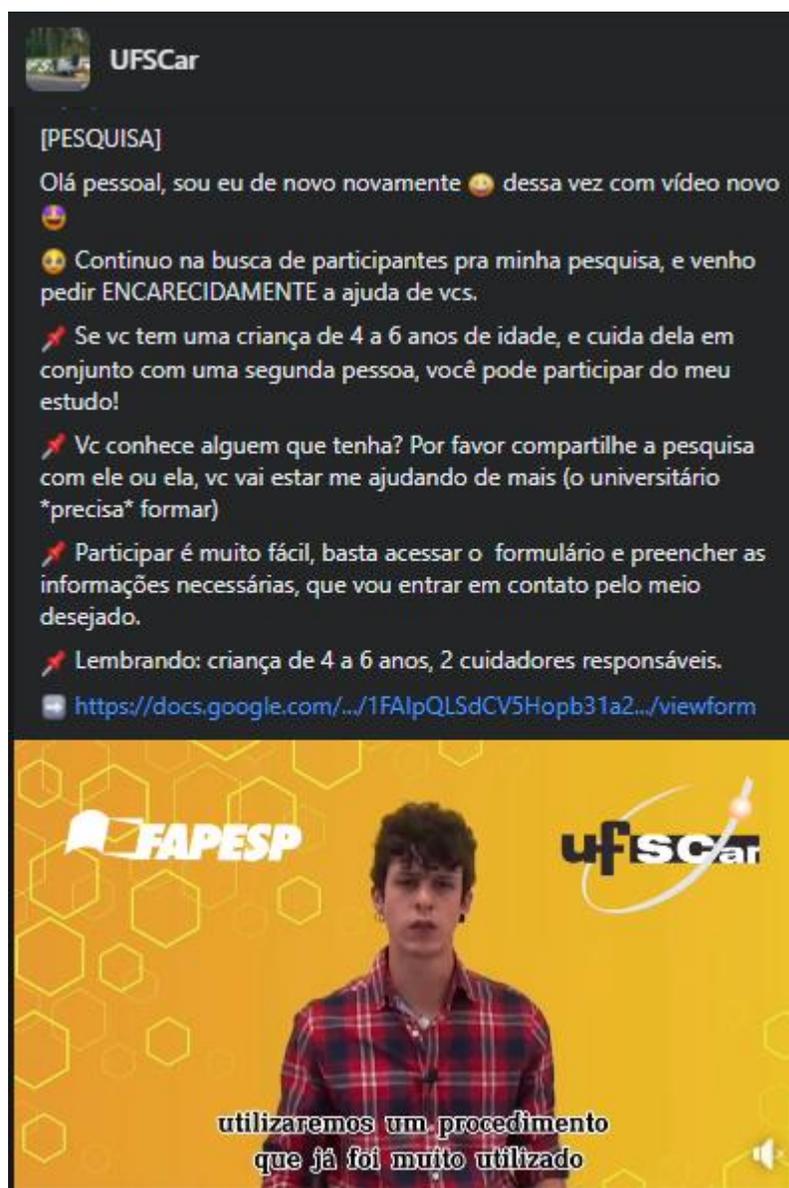


Figura 2. Vdeo-convite publicado nos grupos do facebook e Whatsapp. Captura de tela feita no site facebook, <https://www.facebook.com/groups/ufscar/posts/4390551184356661/>

Anexo 2

Appendix: The Coparenting Relationship Scale

For each item, select the response that best describes the way you and your partner work together as parents:

For each item, select the response that best describes the way you and your partner work together as parents:

- | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|----------------------|---|----------------------------|---|------------------------|---|-----------------------|
| Not
true
of us | | A little bit
true of us | | Somewhat
true of us | | Very
true
of us |
- 1 I believe my partner is a good parent.
 - 2 My relationship with my partner is stronger now than before we had a child.
 - 3 My partner asks my opinion on issues related to parenting.
 - 4 My partner pays a great deal of attention to our child.
 - 5 My partner likes to play with our child and then leave dirty work to me. **(R)**
 - 6 My partner and I have the same goals for our child.
 - 7 My partner still wants to do his or her own thing instead of being a responsible parent. **(R)**
 - 8 It is easier and more fun to play with the child alone than it is when my partner is present too.
 - 9 My partner and I have different ideas about how to raise our child. **(R)**
 - 10 My partner tells me I am doing a good job or otherwise lets me know I am being a good parent.
 - 11 My partner and I have different ideas regarding our child's eating, sleeping, and other routines. **(R)**
 - 12 My partner sometimes makes jokes or sarcastic comments about the way I am as a parent.
 - 13 My partner does not trust my abilities as a parent.
 - 14 My partner is sensitive to our child's feelings and needs.
 - 15 My partner and I have different standards for our child's behavior. **(R)**
 - 16 My partner tries to show that she or he is better than me at caring for our child.
 - 17 I feel close to my partner when I see him or her play with our child.
 - 18 My partner has a lot of patience with our child.
 - 19 We often discuss the best way to meet our child's needs.
 - 20 My partner does not carry his or her fair share of the parenting work. **(R)**

- 21 When all three of us are together, my partner sometimes competes with me for our child's attention.
- 22 My partner undermines my parenting.
- 23 My partner is willing to make personal sacrifices to help take care of our child.
- 24 We are growing and maturing together through experiences as parents.
- 25 My partner appreciates how hard I work at being a good parent.
- 26 When I'm at my wits end as a parent, partner gives me extra support I need.
- 27 My partner makes me feel like I'm best possible parent for our child.
- 28 The stress of parenthood has caused my partner and me to grow apart. **(R)**
- 29 My partner doesn't like to be bothered by our child. **(R)**
- 30 Parenting has given us a focus for the future.

These questions ask you to describe things you do when both you and your partner are physically present together with your child (i.e. in the same room, in the car, on outings).

Count only times when all three of you are actually within the company of one another (even if this is just a few hours per week).

0 1 2 3 4 5 6

Never Sometimes Often Very Often

(once or twice (once a day) (several times a week) a day)

How often in a **typical week, when all 3 of you are together**, do you:

- 31 Find yourself in a mildly tense or sarcastic interchange with your partner?
- 32 Argue with your partner about your child, in the child's presence?
- 33 Argue about your relationship or marital issues unrelated to your child, in the child's presence?
- 34 One or both of you say cruel or hurtful things to each other in front of the child?
- 35 Yell at each other within earshot of the child?

(R) = Reverse score the item

Scale creation:

Coparenting Agreement = Items 6, 9, 11, 15

Coparenting Closeness = Items 2, 17, 24, 28, 30

Exposure to Conflict = Items 31-35

Coparenting Support = Items 3, 10, 19, 25, 26, 27

Coparenting Undermining = Items 8, 12, 13, 16, 21, 22

Endorse Partner Parenting = Items 1, 4, 7, 14, 18, 23, 29

Division of Labor = Items 5, 20

Brief Measure of Coparenting:

Items 1, 2, 4, 5, 6, 9, 16, 20, 22, 24, 25, 27, 33, 34

Sources of items:

Abidin & Bruner, 1995: 1,4,6,17,23

Cordova, 2001: 10,12,16

Frank et al., 1988: 5,7,13,18, 24, 25, 26, 27,30

Margolin, 1992: 3,15,22,29,34

McHale, 1997: 31,32,33

Original: 2,8,9,11,18,19,20,21, 28,35

Anexo 3

2. Tarefa de confiança seletiva

Ao entrar na sala, o pesquisador pedirá à criança que se sente à mesa e o notebook será colocado à sua frente.

“Olha, eu vou te mostrar nesse computador um vídeo com 3 pessoas. No vídeo, essas pessoas vão conversar e eu quero que você preste muita atenção ao que elas dizem, ok? Depois, eu vou te fazer algumas perguntas sobre o que vamos assistir. Se você não entender alguma coisa ou quiser me perguntar algo, é só dizer”

O pesquisador mostra as imagens em que se vêem **os dois informantes e a entrevistadora** (Graziela, Lívia e Débora) e diz à criança:

“Essas são minhas amigas. A Lívia está usando a blusa vermelha, a Graziela está usando a blusa branca e esta, vestindo a blusa preta, é a Débora. A Débora vai mostrar algumas coisas para a Graziela e para a Lívia e aí, vai perguntar para elas o que essas coisas são. Preste muita atenção. Depois, vou te fazer as perguntas, ok? Vamos assistir ao vídeo”

Fase de Familiarização: apresentação de quatro vídeos (FT1, FT2, FT3 e FT4).

Checking Question (CQ):

“Essas pessoas disseram muitas coisas. Você acha que alguma delas disse alguma coisa errada?”

Caso a criança diga que não, o aplicador pergunta à criança o que cada informante disse, a fim de checar o seu entendimento sobre a fase de familiarização.

Checking Trial (CT): O vídeo apresenta a imagem de uma bola e, em seguida, apresenta as fotos de Graziela e Lívia lado a lado no computador.

Se a gente perguntar à Lívia o que é isso (apontando para Lívia), o que ela vai dizer? E se a gente perguntar à Graziela o que é isso, o que ela vai dizer (apontando para Graziela)?”

Na fase de teste:

Diante da imagem de cada objeto alvo, o pesquisador pergunta: *“Você sabe qual é o nome disso?”*.

Caso ela forneça uma resposta, o pesquisador diz:

“Na verdade, eu acho que o nome desse objeto é outro. Aposto que uma das nossas amigas pode te ajudar. Para quem você gostaria de pedir ajuda? Para a moça de blusa branca ou para a de blusa vermelha?”. (Questão de Preferência)

Se a criança não conseguir fornecer uma resposta, o pesquisador então diz:

“Aposto que uma das nossas amigas pode te ajudar. Para qual delas você gostaria de pedir ajuda? Para a moça de blusa branca ou para a de blusa vermelha?” (Questão de Preferência).

O pesquisador então apresenta o vídeo em que os objetos não familiares são rotulados pelos informantes.

I x N - Versão 1:

Após a apresentação do vídeo, o pesquisador pergunta à criança:

FT1: *“A moça de blusa branca (Graziela) disse que ele se chama danu e a moça de blusa vermelha (Lívia) disse que o objeto se chama tuma. Como você acha que esse objeto se chama?”*.

FT2: *“A moça de blusa vermelha (Lívia) disse que o objeto se chama mado e a moça de blusa branca (Graziela) disse que ele se chama tégo. Como você acha que esse objeto se chama?”*.

FT3: *A moça de blusa branca (Graziela) disse que ele se chama láqui e a moça de blusa vermelha (Lívia) disse que o objeto se chama beda. Como você acha que esse objeto se chama?”*.

FT4: *“A moça de blusa vermelha (Lívia) disse que o objeto se chama poqui e a moça de blusa branca (Graziela) disse que ele se chama zédi. Como você acha que esse objeto se chama?”*.

I x N - Versão 2:

FT1: *“A moça de blusa vermelha (Lívia) disse que o objeto se chama tuma e a moça de blusa branca (Graziela) disse que ele se chama danu. Como você acha que esse objeto se chama?”*.

FT2: *“A moça de blusa branca (Graziela) disse que ele se chama tégo e a moça de blusa vermelha (Lívia) disse que o objeto se chama mado. Como você acha que esse objeto se chama?”*.

FT3: *A moça de blusa vermelha (Lívia) disse que o objeto se chama beda e a moça de blusa branca (Graziela) disse que ele se chama láqui. Como você acha que esse objeto se chama?”*.

FT4: *“A moça de blusa branca (Graziela) disse que ele se chama zédi e a moça de blusa vermelha (Lívia) disse que o objeto se chama poqui. Como você acha que esse objeto se chama?”*.

Após os quatro vídeos de teste, aparece a imagem das duas informantes e são feitas as questões de **Julgamento Explícito**:

“Você acha que a Graziela, a menina de branco, era ou não boa pra dizer o nome das coisas?”

“E você acha que a Lívia, a menina de vermelho, era boa ou não era boa pra dizer o nome das coisas?”.”

Anexo 4



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: COPARENTALIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA COGNIÇÃO SOCIAL EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES

Pesquisador: Débora de Holanda Souza

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 27035119.0.0000.5504

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.682.321

Apresentação do Projeto:

Pesquisador apresenta solicitação de emenda.

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO: 27035119.0.0000.5504, de 16/03/2021) e/ou do Projeto Detalhado.

APRESENTAÇÃO: Trata-se de um estudo correlacional que visa testar uma possível associação entre o escore dos pais em um instrumento de coparentalidade e o desempenho de seu(sua) filho(a) em uma tarefa de confiança seletiva.

RESUMO:

Diversos estudos têm investigado a habilidade de crianças pequenas discriminarem bons e maus informantes em situações novas de aprendizagem, um fenômeno conhecido como confiança ou aprendizagem seletiva. Alguns pesquisadores têm se interessado particularmente nos fatores que controlam a aprendizagem seletiva, mais especificamente, gênero do informante, familiaridade com o informante, privação afetiva, histórico de confiabilidade, entre outros. No Brasil, no entanto, o número de pesquisas sobre confiança seletiva é ainda limitado. O presente estudo tem como objetivo contribuir para essa linha de investigação no país, investigando o papel da relação

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.682.321

coparental dos cuidadores na confiança seletiva de crianças brasileiras. Trinta e seis crianças, de 3 a 5 anos de idade, participarão da pesquisa. Para avaliar a confiança seletiva, será utilizado o paradigma clássico envolvendo uma tarefa de nomeação por dois potenciais informantes com históricos de confiabilidade distintos (i.e., um informante sempre diz o nome errado dos objetos e o outro sempre diz o nome correto). Para avaliar coparentalidade, será utilizada a Escala da Relação Coparental, que será entregue aos pais na própria instituição de ensino das crianças. Caso durante a coleta seja necessário cumprir o distanciamento social, a tarefa de nomeação será conduzida através de uma plataforma de video-conferência on-line, e as respostas do questionário sobre coparentalidade serão coletadas via Google forms. Espera-se encontrar uma correlação positiva entre o nível de coparentalidade dos pais e o desempenho das crianças na tarefa de confiança seletiva. Além disso, um efeito de idade é esperado no que diz respeito à confiança seletiva.

HIPÓTESE: A hipótese do presente estudo é a de que as crianças cujos pais são eficazes em exercer a coparentalidade discriminariam melhor entre um bom e um mau informante, e portanto, teriam escores maiores em tarefas de confiança seletiva.

METODOLOGIA: Tarefa de Confiança Seletiva (TCS) - versão presencial. Quando estiverem dentro da sala, em frente ao computador, o pesquisador fornecerá à criança as seguintes instruções a respeito da tarefa: "Olha, eu vou te mostrar nesse computador um vídeo com três pessoas: uma de camisa branca, uma de camisa vermelha e outra de camisa preta. No vídeo, elas vão dizer algumas coisas e depois eu vou te fazer algumas perguntas sobre o que vamos assistir." Durante as quatro tentativas da fase de familiarização, a pessoa da camisa preta pergunta aos dois outros atores (i.e., os informantes) se eles sabem o nome de objetos conhecidos (e.g., bola, sapato, livro, banana). Ao final de cada tentativa, uma fotografia dos dois informantes será apresentada na tela do computador, e o pesquisador pergunta para a criança se algum deles disse algo errado. Diante de um erro, ou da ausência de resposta, o experimentador fornece a resposta correta. Por fim, após as quatro tentativas de familiarização, o pesquisador pergunta: "você acha que alguma delas disse algo errado? Quem?" Em cada tentativa teste, o pesquisador apresenta um dos quatro objetos à criança na tela do computador e pergunta: "qual é o nome disso?". Em seguida, uma imagem dos dois informantes aparece na tela e o pesquisador então faz a pergunta que vai medir a preferência da criança: "Para qual dessas duas pessoas você quer pedir ajuda?" Em seguida, independentemente da escolha do participante, o pesquisador informa que ele verá essas duas

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.682.321

pessoas dizendo o nome do objeto alvo. A ordem de quem rotula o objeto primeiro também é contrabalanceada. Posteriormente, o pesquisador faz a pergunta de nomeação do objeto: “A pessoa de camisa vermelha disse que isso é um “tegu” e a pessoa de camisa branca disse que isso é um “danu”. Como você acha que isso se chama?”. Por fim, após todas as tentativas teste, com as fotos dos informantes na tela do computador, duas perguntas de julgamento explícito são feitas aos participantes: 1. “A pessoa que estava usando a camiseta vermelha foi boa ou não foi boa em responder as perguntas?”; 2. “A pessoa que estava usando a camiseta branca foi boa, ou não foi boa em responder as perguntas?” TCS Versão remota. Durante a reunião com a criança via plataforma virtual, o pesquisador compartilhará a sua tela com os vídeos descritos acima e fará as mesmas perguntas ao longo da apresentação. Será solicitado aos pais que, durante a sessão com a criança, não interajam com a mesma e não interfiram com o procedimento (e.g., fazer perguntas, dando dicas). Escala da relação coparental: A escala da relação coparental medirá o índice de ajustamento diádico dos participantes, isto é, o quão alinhados os responsáveis estão no que se trata da divisão de tarefas e do cuidado para com a criança. São 35 itens contendo perguntas como: “meu companheiro demonstra que percebe os sentimentos e necessidades do(a) nosso(a) filho(a)”; “Eu acredito que meu(minha) companheiro(a) é um bom pai(mãe)”; “Meu companheiro e eu temos as mesmas metas para nosso(a) filho(a). As respostas possíveis são apresentadas em uma escala likert que varia de “Não é verdadeiro sobre nós” (0 ponto) até “É muito verdadeiro sobre nós” (6 pontos). Na versão presencial, a escala será entregue aos pais na própria escola dos filhos. Na coleta não presencial, a escala será encaminhada via Google Forms para os pais/responsáveis.

Procedimentos

Presencial: A Escala da Relação Coparental será entregue aos responsáveis, que podem responder no momento que considerarem mais apropriado. Será solicitado que eles retornem a escala preenchida para a professora. Cada criança será levada individualmente pelo pesquisador para a sala designada para a coleta pelo responsável pela instituição, onde será realizada a tarefa de confiança seletiva.

Não presencial: Após o recrutamento via rede social, os responsáveis responderão a escala da relação coparental via formulários Google. Para a tarefa de confiança seletiva com as crianças, uma reunião via plataforma de videoconferência online (e.g., Zoom, Google Meet) será agendada com os pais, e esses auxiliarão a criança apenas com os aspectos técnicos no encontro (i.e., ligar câmera, microfone, posição da webcam). Será solicitado aos responsáveis/responsáveis que não

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	
Bairro: JARDIM GUANABARA	CEP: 13.565-905
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.682.321

interajam com a mesma durante o procedimento.

As crianças serão distribuídas aleatoriamente em 3 condições experimentais: Correto x Incorreto – nessa condição, um dos atores do vídeo (potencial informante) errará o nome do objeto nas 4 tentativas de familiarização e o outro acertará todas; Correto x Neutro – nessa condição, um dos atores acertará o nome do objeto todas as vezes e o outro fornecerá uma informação correta, porém sem utilidade para a criança, como por exemplo: “esse objeto tem uma textura agradável!”, e por fim, a condição Incorreto x Neutro – na qual um dos informantes errará o nome do objeto todas as vezes e o outro fornecerá informações irrelevantes.

Metodologia de Análise de Dados: Inicialmente, será feita uma análise descritiva dos dados (médias, DP, variação) e uma análise da distribuição dos escores (Teste Kolgomorov-Smirnov). No caso de distribuição normal (e respeitados os pressupostos das análises paramétricas), as seguintes análises serão realizadas: a) teste t de uma amostra para averiguar se o desempenho dos participantes dos dois grupos de idade foi diferente do esperado pelo acaso; b) uma MANOVA para testar possíveis efeitos de idade e condição; c) uma análise de correlação de Pearson para testar uma possível associação entre o nível de coparentalidade e o desempenho das crianças na tarefa de confiança seletiva.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO: Crianças de 3 a 5 anos de idade, de desenvolvimento típico, que tenham pelo menos dois responsáveis que estejam em uma relação coparental. Crianças que estejam matriculadas em uma creche universitária de São Carlos.

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão do estudo 36 crianças de desenvolvimento típico, de 3 a 5 anos de idade. Os participantes serão divididos em três grupos, tendo cada um 12 crianças (6 meninos e 6 meninas, 11 preferencialmente). Todas as crianças serão recrutadas em creches públicas de São Carlos, SP. A participação no estudo ocorrerá apenas mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos pais ou responsáveis e do assentimento por parte dos participantes.

Justificativa da Emenda:

Caro parecerista, foi necessário alterar o procedimento de pesquisa devido à pandemia do novo coronavírus, em especial pela necessidade de se aderir ao isolamento social. Ficou evidente para os pesquisadores que a coleta presencial seria inviabilizada graças ao alto risco de contaminação, principalmente por essa ser realizada dentro de uma escola de educação infantil (UAC - UFSCar), essa que também encontra-se fechada desde o início da pandemia.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.682.321

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVOS GERAL: Testar uma possível correlação entre os escores obtidos pelos pais na escala da relação coparental e os escores das crianças na tarefa de confiança seletiva

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Testar possíveis efeitos de idade e condição no desempenho das crianças na tarefa de confiança seletiva.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS: Os únicos possíveis riscos para o(a) seu(sua) filho(a) são: cansaço, inibição para participar do estudo ou, durante o procedimento, sentir-se entediado. Se a pesquisa ocasionar qualquer um desses incômodos, o procedimento será interrompido. Caso ocorra qualquer problema não previsto, o pesquisador entrará em contato com um profissional competente para melhor encaminhamento. O pesquisador acompanhará toda a coleta de dados, estando presente a todo o momento.

BENEFÍCIOS: Não há nenhum benefício direto para você e seu (sua) filho (a), mas os pais de crianças que fizeram parte de outras pesquisas relatam que a participação representa uma oportunidade de contribuir para a pesquisa sobre desenvolvimento infantil e os ajuda a aprender mais sobre seus filhos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

trata-se de uma proposta de pesquisa que pretende estudar o papel da relação coparental dos cuidadores na confiança seletiva de crianças brasileiras. Para tal, participarão da pesquisa 36 crianças de 3 a 5 anos SP de idade, recrutadas em creches públicas de São Carlos, divididos em três grupos, tendo cada um 12 crianças (6 meninos e 6 meninas, preferencialmente).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

Atender as orientações da Conep sobre PROCEDIMENTOS EM PESQUISAS COM QUALQUER ETAPA EM AMBIENTE VIRTUAL. Este documento pode ser acessado na página do CEP UFSCar: <http://www.propq.ufscar.br/etica/cep>

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclusões: O proponente atendeu às solicitações e indicações do Comitê e adequou os protocolos para a realização da pesquisa em formato virtual apontando as plataformas digitais

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.682.321

mais adequadas a faixa etária dos participantes da pesquisa e seus pais. O conteúdo dos Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido estão adequados a pesquisa em formato virtual.

Atender as orientações da Conep sobre PROCEDIMENTOS EM PESQUISAS COM QUALQUER ETAPA EM AMBIENTE VIRTUAL. Este documento pode ser acessado na página do CEP UFSCar: <http://www.propq.ufscar.br/etica/cep>

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1711311_E1.pdf	16/03/2021 15:23:15		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Carta_aos_pais_presencial.pdf	16/03/2021 15:15:01	PEDRO CARRARA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TA_criancas_presencial_e_nao_presencial.pdf	16/03/2021 15:13:22	PEDRO CARRARA	Aceito
Solicitação Assinada pelo	Oficio_coleta_nao_presencial.pdf	16/03/2021 15:00:42	PEDRO CARRARA	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.682.321

Pesquisador Responsável	Oficio_coleta_nao_presencial.pdf	16/03/2021 15:00:42	PEDRO CARRARA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	16/03/2021 14:57:15	PEDRO CARRARA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Pais.pdf	12/03/2021 12:32:37	PEDRO CARRARA	Aceito
Outros	cartaesclarecimento.pdf	07/04/2020 15:14:21	Débora de Hollanda Souza	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	16/12/2019 12:47:31	PEDRO CARRARA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 30 de Abril de 2021

Assinado por:

**Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))**

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: COPARENTALIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA COGNIÇÃO SOCIAL EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES

Pesquisador: Débora de Hollanda Souza

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 27035119.0.0000.5504

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.024.108

Apresentação do Projeto:

Resumo:

Diversos estudos têm investigado a habilidade de crianças pequenas discriminarem bons e maus informantes em situações novas de aprendizagem, um fenômeno conhecido como confiança ou aprendizagem seletiva. Alguns pesquisadores têm se interessado particularmente nos fatores que controlam a aprendizagem seletiva, mais especificamente, gênero do informante, familiaridade com o informante, privação afetiva, histórico de confiabilidade, entre outros. No Brasil, no entanto, o número de pesquisas sobre confiança seletiva é ainda limitado. O presente estudo tem como objetivo contribuir para essa linha de investigação no país, investigando o papel da relação co-parental dos pais na confiança seletiva de crianças brasileiras. Trinta e seis crianças, de 3 a 5 anos de idade, participarão da pesquisa. Para avaliar a confiança seletiva, será utilizado o paradigma clássico envolvendo uma tarefa de nomeação por dois potenciais informantes com históricos de confiabilidade distintos (i.e., um informante sempre diz o nome errado dos objetos e o outro sempre diz o nome correto). Para avaliar coparentalidade, será utilizada a Escala da Relação Co-parental, que será entregue aos pais na própria instituição de ensino das crianças. Espera-se encontrar uma correlação positiva entre o nível de coparentalidade dos pais e o desempenho das crianças na tarefa de confiança seletiva. Além disso, um efeito de idade é esperado no que diz respeito à confiança seletiva

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.024.108

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Testar uma possível correlação entre os escores obtidos pelos pais na escala da relação coparental e os escores das crianças na tarefa de confiança seletiva.

Objetivo Secundário:

Testar possíveis efeitos de idade e condição no desempenho das crianças na tarefa de confiança seletiva.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os únicos possíveis riscos para o(a) seu(sua) filho(a) são: cansaço, inibição para participar do estudo ou, durante o procedimento, sentir-se entediado. Se a pesquisa ocasionar qualquer um desses incômodos, o procedimento será interrompido. Caso ocorra qualquer problema não previsto, o pesquisador entrará em contato com um profissional competente para melhor encaminhamento. O pesquisador acompanhará toda a coleta de dados, estando presente a todo o momento.

Benefícios:

Não há nenhum benefício direto para você e seu (sua) filho (a), mas os pais de crianças que fizeram parte de outras pesquisas relatam que a participação representa uma oportunidade de contribuir para a pesquisa sobre desenvolvimento infantil e os ajuda a aprender mais sobre seus filhos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa sobre os fatores que controlam o desenvolvimento cognitivo em crianças pré-escolares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão presentes todos os Termos de apresentação obrigatória.

Recomendações:

Recomenda-se que o estudo seja adiado ou modificado dados os problemas de saúde decorrentes da pandemia pelo Covid_19

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto "COPARENTALIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA COGNIÇÃO SOCIAL EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES" é de alta relevância científica e social. O estudo não apresenta nenhuma pendência ou

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP **Município:** SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.024.108

inadequação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1461409.pdf	07/04/2020 15:15:19		Aceito
Outros	cartaesclarecimento.pdf	07/04/2020 15:14:21	Débora de Holanda Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLerevisado.pdf	07/04/2020 15:12:35	Débora de Holanda Souza	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	16/12/2019 12:47:31	PEDRO CARRARA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Autorizacao_Unidade_atendimento_crianca_UFSCar.pdf	16/12/2019 12:08:48	PEDRO CARRARA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_FINAL.docx	13/12/2019 12:33:27	Débora de Holanda Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_assentimento_crianças.docx	13/12/2019 12:30:26	Débora de Holanda Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_assentimento_pais.docx	13/12/2019 12:30:03	Débora de Holanda Souza	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Telefone: (16)3351-9685

CEP: 13.565-905

Município: SAO CARLOS

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.024.108

SAO CARLOS, 12 de Maio de 2020

Assinado por:
ADRIANA SANCHES GARCIA DE ARAUJO
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br